

Relações de hospitalidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio –Farroupilha/RS: a ótica do acolhedor

Hospitality relations in the Pilgrimage to Nossa Senhora Do Caravaggio Sanctuary – Farroupilha/RS: the welcomer's perspective

Relaciones de hospitalidad en la Romería al Santuario de Nuestra Señora de Caravaggio – Farroupilha/RS: la óptica del acogedor

Mônica Schneider¹

Marcia Maria Cappellano dos Santos²

Resumo

Este artigo versa sobre relações de hospitalidade na romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS, sob a ótica de algumas das principais instâncias envolvidas em seu planejamento e realização: o Santuário, o Poder Público (representado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo do município) e o setor privado (representado por empreendimentos de hospedagem e restauração situados no entorno do santuário). Para o desenvolvimento da pesquisa, de natureza qualitativa, realizaram-se entrevistas semiestruturadas. Dos dados coletados e analisados depreendeu-se como é pensada a hospitalidade na e para a romaria, que ações vêm sendo planejadas e realizadas nessa direção e como vem sendo avaliada. O discurso do acolhedor teve como tônica a busca do ATENDER BEM, propiciando o BEM-ESTAR e o SENTIR-SE BEM. Também nesse discurso, mencionou-se a religiosidade como um elemento que concorreria para a instauração da hospitalidade em situações eventualmente adversas ao acolhimento. Os resultados apontaram para a pertinência de aprofundarem-se os estudos dando voz ao outro polo da relação, o romeiro. Pesquisa a esse respeito encontra-se em andamento.

¹ Bacharel e Mestranda em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul, e-mail: mschnei1@ucs.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, professora concursada da Universidade de Caxias do Sul, é docente permanente do Programa de Pós Graduação em Turismo - Mestrado, do qual é coordenadora, e-mail: mcsantos@ucs.br

Palavras-chave: Turismo. Hospitalidade. Romaria.

Abstract

This article deals with hospitality relations in the pilgrimage to Nossa Senhora do Caravaggio Sanctuary – Farroupilha/RS from the perspective of some main bodies involved in its planning and implementation: the Sanctuary itself, the Public Power (represented by the City Secretariat of Economic Development and Tourism) and the private sector (represented by lodging and restoration projects located nearby the sanctuary). For the development of the research, which has a qualitative nature, semi-structured interviews were carried out. From the collected and analyzed data it was concluded how the hospitality is thought in and to the pilgrimage and which actions are being planned and accomplished in this direction as well as how it has been evaluated. The welcomer's speech was mainly based on the search for ASSISTING WELL providing the WELL-BEING and the sensation of FEELING WELL. Also in this speech, the religiousness was mentioned as one element which would compete for the establishment of hospitality in occasional adverse situations to the welcoming. The results showed the relevance and perhaps, the necessity of one deepening study giving voice to the other axis in the relationship: the pilgrim. Research in this direction is in progress.

Key-words: Tourism. Hospitality. Pilgrimage.

Resumen

Este artículo versa sobre las relaciones de hospitalidad en la romería al Santuario de Nuestra Señora de Caravaggio – Farroupilha / Río Grande do Sul, desde la óptica de algunas de las principales instancias involucradas en su planificación y realización: el Santuario, el Poder público (representado por la Secretaría de Desarrollo económico y turismo del municipio) y el sector privado (representado por emprendimientos de hospedaje y restauración situados entorno al santuario). Para el desarrollo de la investigación, de naturaleza cualitativa, se realizaron entrevistas semi-estructuradas. De los datos recolectados y analizados se desprendió cómo es pensada la hospitalidad en la y para la romería, qué acciones vienen siendo planificadas y realizadas en esta dirección y cómo viene siendo evaluada. El discurso del acogedor tuvo como tónica la búsqueda del ATENDER BIEN, propiciando el BIENESTAR y el SENTIRSE BIEN. También en este discurso, se mencionó la religiosidad como un elemento que colaboraría para la instauración de la hospitalidad en situaciones eventualmente adversas para el acogimiento. Los resultados apuntaron hacia la pertinencia de profundizar los estudios, dándole voz al otro polo de la relación: el romero. Una investigación a este respecto ya se encuentra en andamiento.

Palabras clave: Turismo. Hospitalidad. Romería.

Introdução

O presente artigo consiste num estudo preliminar tendo por foco relações de acolhimento³ na romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS. Essa romaria representa uma prática que perdura por mais de um século e que se realiza anualmente, mobilizando milhares de pessoas a cada edição, estando presente nas experiências, não só de moradores do município, mas também de outras cidades do Rio Grande do Sul e, até mesmo, de outros Estados.

Tendo em conta que a hospitalidade apresenta múltiplos conceitos, dimensões e formas de exteriorização e, assim, relacionando-se também com as práticas religiosas, focalizam-se, neste trabalho, relações entre a romaria e hospitalidade, nas concepções, principalmente, do Poder Público de Farroupilha e do próprio Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, assim como do setor privado, este último inserido como elemento complementar ao estudo. Nesse sentido, buscou-se investigar como tais instâncias se envolvem nessas relações.

Atualmente, os espaços religiosos representam o destino de um grande número de pessoas, as quais possuem motivações diversas. Conforme dados apresentados por Chiquim (2012), as viagens com finalidade religiosa envolvem cerca de 300 milhões de pessoas por ano em todo o mundo, movimentando economicamente cerca de 18 bilhões de dólares (informação verbal)⁴. Assim, se o aprofundamento da compreensão das diversas relações que a hospitalidade envolve por si só se faz importante em sendo esta entendida como uma qualidade ou virtude de pessoas e espaços, não será diferente

³ Os termos “acolhimento” e “hospitalidade” são tomando como equivalentes na perspectiva adotada no presente estudo.

⁴ Dados apresentados por Carlos Alberto Chiquim em palestra proferida no VIII Congresso Internacional Turismo Religioso e Sustentável, realizado nos dias 31 de julho, 01 e 02 de agosto de 2012 – PUCPR – Curitiba/PR.

quando se a focaliza nos espaços religiosos, os quais, a princípio, poderiam ser considerados privilegiados para as relações de acolhimento.

Ao longo dos anos, a devoção à Nossa Senhora de Caravaggio foi aumentando, e a romaria consolidou-se, atraindo um número cada vez mais expressivo de pessoas, chegando a registrar, no ano de 2012, em sua 133ª edição, a presença de, aproximadamente, 230 mil participantes (ROMARIA..., 2012). Pela importância a ela conferida, a romaria tem sido objeto de diversos estudos, porém, há ainda muitos aspectos a serem abordados, particularmente aqueles que se referem aos processos, práticas e estruturas nos quais e por meio dos quais ali se efetivam relações de hospitalidade.



Figura 1– 133ª Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS

Fonte: <http://www.jornalfarroupilha.com.br/novo/edicao-impressa-farroupilha.php?menu=impressa>

Considerando os elementos apontados anteriormente, o presente trabalho tem como principal objetivo identificar relações entre práticas religiosas e hospitalidade na romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, na ótica do Poder Público de Farroupilha, do próprio Santuário e, complementarmente, do setor privado, e oferecer

elementos teórico-práticos para subsidiar o planejamento e a implementação de ações futuras.

Peregrinações e romarias

O termo “peregrinação”, como construção social, abarca uma infinidade de experiências, tanto históricas quanto atuais, de deslocamentos motivados pela devoção e pelo culto (STEIL, 2003). Da mesma maneira, pode-se dizer que o ato de peregrinar é, de certa forma, uma herança das origens nômade dos grupos humanos, sendo que a peregrinação realiza-se com o propósito de buscar algo mais significativo (OLIVEIRA, 2004). E, mesmo que se apresentem sob uma diversidade de motivações, as peregrinações, em sua essência, podem ser consideradas, segundo diferentes estudiosos, um fenômeno ligado à natureza do ser humano (RIBEIRO, 2003). Brustolin (2007, p. 234) destaca, como condição real do ser humano, o estar a caminho (*homo viator*), sendo esse caminhar uma categoria espiritual, uma forma de a pessoa encontrar-se consigo mesma. Assim, para o autor, “Partir significa romper com a inércia habitual, é dispor-se a avançar, crescer e conhecer o novo”.

De Fiores e Meo (1995, p. 1032) afirmam que “A peregrinação será essencialmente uma partida” e que o peregrino é “[...] alguém que passa”. Além disso, acrescentam que “[...] o caminho é a condição real do homem que a nossa civilização e a nossa cultura estão redesenhando. [...]. Por esse motivo, a peregrinação se apresenta como símbolo ou mimodrama da condição itinerante do ‘*homo viator*’”. Os autores referem ainda que a peregrinação faz parte da essência da igreja e da sua missão, sendo que a peregrinação não está presente apenas no cristianismo ocidental, mas sim representa um fenômeno universal.

Diferentemente de peregrinação, que compreende longos deslocamentos, o termo “romaria”, segundo Nolan e Nolan (1989 apud STEIL, 2003), específico das línguas portuguesa e espanhola, está relacionado a deslocamentos curtos envolvendo comunidades e combinando aspectos festivos e devocionais.

Duarte (2010) sugere que as romarias continuam sendo uma das maiores manifestações públicas da fé católica, que reúnem múltiplas formas de experiências, alimentando os sentidos do rezar, do caminhar, do fazer/pagar promessas. Também, a autora, por meio das palavras de Fernandes (1982), compreende a romaria como um rito antigo, porém repleto de atualidades. Sob esse entendimento, Duarte (2010, p. 3) sumariza que, inseridos em contextos históricos e geográficos marcados pela diversidade, os rituais simbólicos das romarias envolvem “[...] uma teia de produções de ritos que apresentam vários pontos comuns: o costume de caminhar, o deslocar-se [...], a divulgação dos milagres, a exposição das graças alcançadas, a solicitação de novos pedidos, os exageros dos sacrifícios físicos”.

Outros aspectos são também levados em conta em estudos sobre romarias: a diversidade dos participantes e de suas motivações e interpretações, a influência da mídia, a fluidez das fronteiras entre sagrado e profano. Ao mesmo tempo, porém, são focalizadas, na realidade cristã atual, motivações, buscas e aflições mais imediatas dos romeiros; o abandono de seu cotidiano para colocar-se a caminho na companhia de outras pessoas, em busca de um lugar sagrado, visando a um encontro maior (para agradecer, pagar promessas, refazer-se espiritualmente); o retorno ao lugar de partida, trazendo marcas do encontro com Deus, bem como uma visão renovada de si e da sua vida (VALLE, 2006).

Caberia aqui mencionar o entendimento de Cordeiro (2011), segundo o qual a romaria contemporânea carrega aspectos tanto ligados à tradição quanto à atualidade, na medida em que se verifica, nas romarias, a presença de elementos religiosos e culturais, práticas de consumo, lazer e experiências diversas, que se associam às cenas religiosas, incrementando-as.

Steil e Carneiro (2008, p. 108), em seus estudos focalizando as rotas de peregrinação brasileiras criadas com base nos caminhos de Santiago de Compostela, propõem que se interprete a peregrinação por meio dos múltiplos significados atribuídos a essa prática, “[...] procurando compreender as formas de combinações possíveis entre os significados de um fenômeno milenar (a peregrinação) presente em diversas tradições religiosas e os novos significados que lhe são conferidos, [como as interfaces

com o turismo]”. A peregrinação na atualidade, portanto, nas palavras dos autores, por meio da agregação de novos sentidos “[...] parece re-vitalizar [ressignificar] o fenômeno da peregrinação não só como experiência religiosa de um lado, mas também como expressão cultural (turística), de outro” (STEIL; CARNEIRO, 2008, p. 108).

Nesse sentido, com as mudanças que ocorreram ao longo do tempo, as quais possibilitam diferentes formas de sentir e vivenciar a religiosidade, poder-se-ia dizer que “[...] o turista religiosamente motivado [...] [passa a ser um dos focos] de convergência de transformações no campo religioso, reunindo e resumindo a sua prática de fé e as atitudes que reconfiguram esse campo e expressam as formas como a religião é [pode ser] vivenciada em nossa modernidade” (ABUMANSUR, 2003, p. 55).

Hospitalidade e a prática religiosa da romaria

O conceito de hospitalidade

A palavra “hospitalidade”, da forma como é utilizada hoje, apareceu pela primeira vez na Europa, em meados do início do século XIII (GRINOVER, 2002). Advinda da expressão latina *hospitalitas-atris*, a noção de hospitalidade é complexa e engloba diversos sentidos, mesclando comportamentos, atos, qualidades e virtudes como hospedar; acolher; recepcionar; ser gentil, cortês, generoso (DIAS, 2002). Assim, a hospitalidade, com a característica de ser multifacetada, requer abordagens interdisciplinares e a contribuição de diversas áreas do conhecimento (CRUZ, 2002).

Ao universo daqueles que priorizam a perspectiva do humano nas abordagens teóricas sobre a hospitalidade, podem ser aproximados estudiosos como Gotman (2001 apud WADA, 2003) para quem a hospitalidade seria um processo de agregação do outro à comunidade, e a inospitalidade, o processo inverso; de igual forma, Baptista (2002), que entende a hospitalidade como um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude do acolhimento em relação ao outro, representando a disponibilidade da consciência para acolher a realidade fora de si. Dencker (2003, p.

146) associa a hospitalidade a uma “[...] forma de receber o outro, de exercitar a alteridade, de conviver com as diferenças dentro de parâmetros de respeito, tolerância e reciprocidade”. Reforçando essa perspectiva, Sansolo (2004, p. 179) destaca que “Ao trilharmos o caminho na busca pela conceituação sobre a hospitalidade procuramos evidenciar que se trata, antes de tudo, de um valor humano construído socialmente e codificado culturalmente”.

Seguindo essa perspectiva, um outro aporte teórico ao estudo da hospitalidade focada na dimensão do humano é trazido por Perazzolo, Santos e Pereira (2013). As autoras buscam, sob as lentes da psicologia, ampliar o espectro conceitual do turismo e da hospitalidade, incluindo relações que possam dali decorrer. Nesse sentido, conforme as autoras, na base da hospitalidade/acolhimento “[...] estaria a disposição de acolher o outro na sua singularidade, de respeitá-lo, de conhecê-lo, sem imposições *a priori*, de forma ‘incondicional’ [...]”. Isso porque “[...] em impondo seu espaço, suas normas, sua cultura, o acolhedor estaria acolhendo apenas, a si mesmo, na direção de seu próprio prazer” (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013, p. 145, tradução nossa).

Sob esse enfoque, tomado como de referência para este trabalho, o acolhimento passa a ser entendido como fenômeno que se instala no espaço constituído entre o sujeito (na sua forma singular e coletiva) que deseja acolher e o sujeito que deseja ser acolhido. O acolhimento, então, é compreendido como fenômeno relacional e não como um comportamento ou um simples ato humano. Portanto, de acordo com as pesquisadoras, hospitalidade

[...] não seria apenas o ato de acolher supondo um único vértice do processo, tampouco seria a expressão do desejo de um ou de outro sujeito situado em qualquer um dos polos da interação como também não seria apenas o produto da relação direta que estabelecem. Hospitalidade ou acolhimento seria, nesse horizonte, um fenômeno complexo e ativo que ocorre em uma área constituída na intersecção resultante do encontro dinâmico de demandas distintas com origem necessariamente numa perspectiva subjetiva do desejo, orbitado por eventos circunstanciais (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013, p. 146, tradução nossa).

Para que haja acolhimento, acrescentam, é preciso que se estabeleça uma troca entre os sujeitos envolvidos nessa interação, ou seja, “[...] ambos os sujeitos têm que se ajustar dinamicamente na interação de suas necessidades” (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013, p. 146, tradução nossa). A hospitalidade encontra-se na relação com o outro, a qual é marcada pela percepção mútua dos desejos que são acolhidos, traduzidos, compreendidos e transformados em uma nova mensagem dotada de novos significados, estabelecendo-se, assim, um ciclo interativo que permite a geração de novos saberes (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2012). A hospitalidade, em sua expressão autêntica, da relação recíproca e afetiva entre os seus protagonistas, requer, então, a presença das dimensões: relação, desejo, prazer e afetividade.

Numa abordagem complementar, Grinover (2002, p. 29), citando Goudbout, observa que a hospitalidade é também

[...] um dom do espaço, espaço da habitação, espaço para percorrer a pé ou para contemplação, sendo suas qualidades a superfície, a acessibilidade, o conforto, a estética, a historicidade. “Cidade hospitaleira”, “rua hospitaleira”, expressões da linguagem comum, ilustram bem a doação do espaço, a doação de proteção e segurança, além de abrigo e alimentação [grifo do autor].

Nessa direção, Cruz (2002, p. 40), considera que “[...] parte da hospitalidade é fruto da organização socioespacial dos lugares”, afirmando que: “Alguns lugares são mais hospitaleiros do que outros e isso possivelmente [...] em função da dimensão socioespacial subjacente ao ato de acolher um visitante”. As qualidades do espaço associadas à relação entre as pessoas que nele se efetiva seriam, em essência, o que torna um lugar realmente hospitaleiro. Em síntese, a hospitalidade poderia “[...] dizer-se e manifestar-se por meio de muitas maneiras: pelas palavras, pelos gestos, pelas leis e pela pluralidade imensa de formas de gerir os tempos e os espaços que nos coube viver” (BAPTISTA, 2002, p. 161).

Hospitalidade e aproximações ao Turismo Religioso

A hospitalidade sempre apresentou um vínculo muito forte com a religião. Talvez esse vínculo se mostre mais fortalecido em alguns momentos (como no passado)

e, menos, em outros. Contudo, sabe-se que a hospitalidade “[...] remonta a antigas civilizações, como a grega, e aparece com frequência associada a questões religiosas, sobretudo no cristianismo [...]” (WADA, 2003, p. 63). De acordo com Dias (2002, p. 98), “Desde o início da civilização, os gestos de recepção e hospitalidade, muitas vezes sem a contrapartida do pagamento, parecem cercados por uma aura divina [...]”. Camargo (2002) ressalta que a hospitalidade foi e ainda é um princípio básico de um grande número de ordens religiosas católicas, cujos mosteiros até hoje cultuam suas regras originais.

Nesse sentido, nas práticas religiosas (formas de turismo religioso, tais como as peregrinações e romarias), o princípio do bem acolher, do bem-estar das partes envolvidas, matizado pela religiosidade, concorre para que se produzam trocas simbólicas, negociações de demandas, laços de hospitalidade.

Para elucidar o fenômeno da hospitalidade no âmbito do turismo religioso, Oliveira (2004, p. 97) enfatiza o aspecto relacional do turismo entendendo que “A visitação, portanto, faz desaparecer de uma vez por todas a idéia de que o turismo é um movimento extraordinário de mão única. São as trocas e as inversões entre espaços emissores e receptivos que fazem o turismo acontecer”. Para o autor, “Quando o turista ‘vai’ é porque algo já ‘veio’ até ele. [...]. O elemento essencial está no intercâmbio, e é justamente essa a maior contribuição do turismo religioso para o entendimento do turismo contemporâneo” (OLIVEIRA, 2004, p. 97) [grifo do autor]. A hospitalidade constitui-se assim em um dos principais núcleos da Pastoral do Turismo e representa também uma das atitudes fundamentais da comunidade cristã (CNBB, 2009).

A Pastoral do Turismo promove o acolhimento e o apoio ao turista na sua busca pelo repouso, ressaltando que “[...] Na comunidade local se oferece ao turista a acolhida cristã que o mantém na sua vida de fé, e se dá hospitalidade a todo visitante sem distinção [...]” (CNBB, 2009, p. 62). Em assim sendo, o olhar dos agentes da Pastoral não se volta somente para os turistas, mas também para os agentes de viagens, guias de turismo, aqueles que residem nos lugares que recebem turistas, e todos aqueles envolvidos nessa atividade.

No âmbito da Pastoral do Turismo estão incluídos os turistas, os trabalhadores do turismo, e as comunidades receptoras e emissoras. Essa Pastoral tem como principal objetivo “Evangelizar o mundo do Turismo, para colaborar na construção do diálogo cultural e religioso, no respeito às comunidades locais e ao ambiente ecológico, denunciando o Turismo sexual, defendendo e promovendo os direitos dos trabalhadores do Turismo” (CNBB, 2009, p. 216), tornando possível o cumprimento desse objetivo a partir da atuação em linhas pastorais que focalizam a acolhida e o acompanhamento; a sensibilização social e política; e a promoção humana, cultural e religiosa (CNBB, 2009). Ainda, com base na ética e nos valores fundamentais do ser humano, a Igreja Católica incentiva a preparação adequada para vivenciar de maneira cristã uma viagem; a boa acolhida aos turistas por parte da comunidade visitada; a atenção aos profissionais e aos trabalhadores do turismo; o adequado acompanhamento daqueles que visitam o patrimônio cultural da Igreja (CNBB, 2009).

No entanto, com o transcurso do tempo e as mudanças que o acompanharam, essas relações interpessoais de acolhimento passaram a redimensionar-se cada vez mais marcadamente por relações socioespaciais, concretizadas em condições técnicas e ambientais ligadas aos espaços e serviços envolvidos. Lembra Oliveira (2004, p. 24) que, atualmente, “[...] os santuários cristãos são reconhecidos como centros privilegiados de evangelização e dotados paulatinamente de infra-estrutura cada vez mais compatível com a demanda e as necessidades gerais do peregrino”.

Essas considerações levam à compreensão de que, de modo crescente, a infraestrutura dos espaços de visitação religiosa (instalações, diversidade de elementos e equipamentos, condições de atendimento social e pessoal, etc.) surge como um dos fatores que contribui para a consecução do turismo religioso, tornando a religiosidade entremeada pelo fazer turístico, e o fazer turístico, pela religiosidade.

Carneiro (2004, p. 72), fazendo alusão aos estudos de Dean MacCannell (1976), cita que, “[...] o turismo moderno pode ser visto como uma continuação das peregrinações tradicionais, carregando sentidos e valores que em outros momentos estiveram condensados nesta experiência religiosa”. Portanto, pode-se dizer que “O turismo religioso tem sua origem no exercício contemporâneo da peregrinação”

(OLIVEIRA, 2004, p. 13). Esta, como um modo de expressão de fé, começou a ser tratada recentemente como turismo religioso, representando uma nova forma de percepção para um fenômeno milenar.

No que se refere à conceituação, em caráter oficial, o turismo religioso é definido, segundo a Conferência Mundial de Roma – 1960, como

[...] uma organização que movimenta inúmeros peregrinos em viagens pelos mistérios da fé ou da devoção a algum santo. A sua prática efetiva realiza-se de diversas maneiras: as peregrinações aos locais sagrados, as festas religiosas que são celebradas periodicamente, os espetáculos e as representações teatrais de cunho religioso, e os congressos, encontros e seminários ligados à evangelização (RIBEIRO, 2003, p. 3).

Contudo, mesmo havendo uma definição “oficial”, as indagações e dúvidas no que se refere à sua conceituação estão sempre presentes em estudos e discussões sobre o tema, não se estabelecendo, assim, um consenso a respeito das práticas que envolvem turismo e religião. Para Beni (2007), o turismo religioso estaria no deslocamento de peregrinos que buscam centros religiosos motivados pela fé em distintas crenças, e que assumem um comportamento de consumo turístico. Portanto, nesse entendimento, um peregrino pode ser considerado um turista religioso, na medida em que este atualiza a prática da peregrinação adaptando sua viagem (total ou parcialmente) às características do processo turístico (OLIVEIRA, 2004). Ainda, para Oliveira (2004), o turismo religioso não é de religiosos, nem de religião, mas sim, motivado pela religiosidade.

Para uma abordagem-síntese das considerações até aqui trazidas a respeito do turismo religioso, poder-se-ia assim dizer, buscando respaldo em Steil e Carneiro (2008), que o contexto turístico-religioso configura-se de forma plural, e que, nem sempre, é possível delinear de maneira clara os seus contornos. Revelam-se múltiplas possibilidades de arranjos entre religião e turismo, campos sociais cujas fronteiras se tornaram porosas, fluidas. Desse modo, o turismo religioso conjuga elementos religiosos e turísticos, colocando-os em permanente diálogo, sem que haja o domínio de um sobre o outro (CARNEIRO, 2004).

Metodologia

Para a implementação da pesquisa, de caráter exploratório e caracterizada pelo modelo qualitativo de organização e interpretação dos dados, realizaram-se entrevistas com representantes do Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo, de Farroupilha e com proprietários de dois empreendimentos do setor privado, localizados no entorno do Santuário, totalizando quatro entrevistas semiestruturadas. Estas tiveram como roteiro três questões: a primeira versando sobre conceituação de hospitalidade; a segunda, sobre possíveis formas de sua efetivação na romaria; e a terceira, sobre registros de avaliações realizadas.

No presente artigo, ao procurar-se dar voz aos representantes do Santuário, da Secretaria e dos empreendimentos do setor privado e, via discurso, identificar relações de acolhimento na romaria (sob a ótica dos acolhedores), os processos interpretativos (hermenêuticos) apoiaram-se em procedimentos da análise de conteúdo, segundo Bardin (2000). As análises, inicialmente, foram pautadas pelo que Bardin (2000, p. 96) denomina de “leitura flutuante”, seguida do processo de categorização, contemplando diferentes níveis de desdobramento e considerando regras de homogeneidade, de exclusão mútua, de pertinência, de objetividade e de fidelidade, e de produtividade (BARDIN, 2000). A análise de conteúdo remeteu à definição de unidades de registro e à respectiva incidência, conforme se constituíram em índices significativos para o processo de interpretação. Os dados coletados foram interpretados com base na comparação dos discursos correspondentes às respostas dos sujeitos nas entrevistas, submetidos ao mesmo conjunto de categorias, tendo em conta as dimensões da hospitalidade, apontadas anteriormente, que poderiam caracterizar as relações/interações estudadas.

Organização e análise dos dados

Tendo por base os dados coletados por meio das entrevistas realizadas com representantes do Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo, de Farroupilha e com proprietários de dois empreendimentos do setor privado, localizados no entorno do Santuário, apresentam-se aqui duas tabelas, sendo que cada uma delas refere-se a uma das questões-roteiro da entrevista, apresentando, respectivamente, as incidências de verbalizações referentes ao conceito de hospitalidade e à efetivação de relações de hospitalidade na romaria. Portanto, a tabela 1 diz respeito à conceituação de hospitalidade e, a tabela 2, às formas de sua efetivação. Quanto aos registros de avaliações realizadas (objeto da terceira questão), estes serão comentados no decorrer da análise, porém não ilustrados.

Tabela 1 – Incidência de verbalizações referentes ao conceito de hospitalidade e respectivos percentuais em relação ao total de verbalizações

Categorias/Subcategorias		Número de verbalizações	%
DISPOSIÇÃO RECEPTIVA	Atenção/cuidado	6	30
	Cordialidade	1	5
	Personalização no atendimento	1	5
	Atitude colaborativa	1	5
	Esforço	1	5
	Carinho	1	5
	Entabulação de conversa	1	5
TOTAL		12	60
ESTRUTURA FÍSICA (banheiro...)		1	5
ESTRUTURA DE APOIO (saúde, segurança...)		1	5
SERVIÇOS	Transporte	1	5
	Alimentação	1	5
	Hospedagem	1	5
TOTAL		5	25

EXPERIÊNCIA RELIGIOSA	Vivência da relação mãe/filho (romeiro)		1	5
	Provimento de condições para a experiência religiosa (Santuário)	Ritos	1	5
		Reza	1	5
TOTAL			3	15
TOTAL GERAL			20	100

Fonte: As autoras (2013)

Por meio da tabela 1, é possível identificar que, no que se refere à conceituação de hospitalidade, o maior número de verbalizações (60%) aponta para a categoria “disposição receptiva”, que remete às relações sócio-humanas. Nessa categoria, o destaque é conferido para a subcategoria “Atenção/cuidado”, que representa 30% das verbalizações. As demais subcategorias (“Cordialidade”, “Personalização no atendimento”, “Atitude colaborativa”, “Esforço”, “Carinho” e “Entabulação de conversa”) apresentaram uma incidência de 5% cada uma.

No que diz respeito às categorias “Estrutura física”, “Estrutura de apoio” e “Serviços”, as quais compreendem a organização socioadministrativa, pode-se perceber que estas são as segundas mais citadas (25% das verbalizações), aparecendo logo após a “Disposição receptiva” em termos de quantidade de verbalizações. Do conjunto das três categorias, os “Serviços” correspondem ao maior número de verbalizações, totalizando 15%, ao serem somadas as subcategorias “Transporte”, “Alimentação” e “Hospedagem”, cada uma delas com 5% das verbalizações. As categorias “Estrutura física” e “Estrutura de apoio”, igualmente, apresentam, cada uma, 5% das verbalizações.

Em relação à categoria “Experiência religiosa”, afeta aos aspectos religiosos, é possível observar que esta, em relação ao total de verbalizações, encontra-se na última posição, representada por 15% das verbalizações. A subcategoria “Provimento de condições para a experiência religiosa” (a qual abarca “Ritos” e “Reza”) é a que concentra o maior número de verbalizações (10%), enquanto que a subcategoria “Vivência da relação mãe/filho” possui apenas 5% das verbalizações.

Em síntese, a conceituação de hospitalidade envolve, primeiramente, relações sócio-humanas, que compreendem uma disposição receptiva, sendo que esta se desdobra, principalmente em atenção/cuidado. Em segundo plano, o acolhimento está relacionado também à organização socioadministrativa, abrangendo, sobretudo, os serviços relacionados a transporte, alimentação e hospedagem. Em terceiro plano, a hospitalidade vincula-se a aspectos religiosos, sendo que da experiência religiosa destaca-se o provimento de condições para a sua consecução (por parte do santuário).

No que tange à segunda questão (formas de efetivação dessa hospitalidade), tem-se a tabela que segue.

Tabela 2 – Incidência de verbalizações referentes a possíveis formas de efetivação de relações de hospitalidade na romaria e respectivos percentuais em relação ao total de verbalizações

CATEGORIAS/SUBCATEGORIAS		Nº DE VERBALIZAÇÕES	%	
REUNIÕES DE PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO		3	20	
EXECUÇÃO	Organização espacial	3	20	
	Investimentos/apoio financeiro	2	13,33	
	Estrutura de apoio	1	6,67	
	Estrutura física	1	6,67	
	Criação de pequenas romarias	1	6,67	
	Serviços	Informação	1	6,67
		Alimentação e bebida	2	13,33
		Limpeza	1	6,67
TOTAL		15	100	
TOTAL GERAL		15	100	

Fonte: As autoras (2013)

A tabela 2 sinaliza que, no que tange à efetivação de relações de hospitalidade, duas grandes categorias a resumem: “Reuniões de planejamento e avaliação” e

“Execução”, ambas correspondendo à organização socioadministrativa. Destas duas categorias, o destaque recai sobre a “Execução”, com 80% do total de verbalizações. Destas verbalizações a respeito da “Execução”, 20% correspondem à “Organização espacial”; 13,33%, aos “Investimentos/apoio financeiro”; 6,67%, respectivamente, à “Estrutura de apoio”, à “Estrutura física”, à “Criação de pequenas romarias”; 26,67%, aos “Serviços” (“Informação” – 6,67%, “Alimentação e bebida” – 13,33%, “Limpeza” – 6,67%).

Quanto à categoria “Reuniões de planejamento e avaliação”, sua representatividade é de 20% em relação ao total de verbalizações.

Em síntese, pode-se dizer que a efetivação das relações de hospitalidade na romaria envolvem, sobretudo, aspectos de organização socioadministrativa. Chama a atenção o fato de que outros itens, como aqueles correspondentes às relações sócio-humanas e aos aspectos religiosos, não foram mencionados nessa questão, ao contrário do que acontece quando o foco recai sobre a conceituação de hospitalidade. Dentre esses aspectos que correspondem à organização socioadministrativa, o que mais concorre para a efetivação da hospitalidade é o fator “Execução”, sendo, nesse caso, a ênfase atribuída aos serviços, em especial de alimentação e bebida. Na sequência, ainda a respeito da “Execução”, são relevantes a organização espacial e os investimentos/apoio financeiro, seguidos das demais subcategorias “Estrutura de apoio”, “Estrutura física” e “Criação de pequenas romarias”. Em segundo plano, contribuem para a efetivação do acolhimento as reuniões de planejamento e execução.

No que diz respeito aos registros que ajudam a planejar ou avaliar o que foi implementado, não se verificou, de forma significativa, a existência de pesquisas, com exceção de uma, mencionada apenas por um dos entrevistados, realizada no ano de 2009, a qual, conforme suas palavras, “buscou investigar o que é ou não é importante numa romaria”. Além disso, contribuem para a avaliação interna do Santuário, os dados que as pessoas transmitem aos organizadores do evento. Assim, a cada ano é realizada uma avaliação, no sentido daquilo que é possível adaptar, organizar, facilitar, visando atender da melhor forma possível os romeiros.

No âmbito da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo, é realizada uma verificação para avaliar se o que se desejava, de fato ocorreu, sendo que, para isso, faz-se uso de registros fotográficos.

No caso dos empreendimentos do setor privado (restaurantes/hotel), seus controles e registros centram-se, principalmente, no número de pessoas atendidas, volume de vendas de cada produto durante a romaria, número de refeições e lanches fornecidos, servindo estes de base para o planejamento dos anos seguintes. Com relação ao hotel, cabe destacar que grande parte dos frequentadores são turistas e representantes de empresas que vêm trabalhar na região, sendo que a taxa de ocupação é menor durante a romaria e maior no restante do ano.

O Santuário, portanto, possui a maioria dos registros referentes à romaria, sendo este, juntamente com a Brigada Militar, os responsáveis pelos controles, por exemplo, da quantidade de pessoas que participam da romaria.

A partir da organização e análise dos dados coletados, mostra-se possível depreender que, sob a ótica dos acolhedores, a hospitalidade encerra-se no ATENDER BEM, propiciando o BEM-ESTAR e o SENTIR-SE BEM. Ao BEM-ESTAR vincula-se, prioritariamente, a disponibilização de elementos estruturais fundamentais (segurança, saúde, alimentação, sanitários, busca de minimização de aglomeração...), bem como, processos de planejamento e avaliação dessa estrutura (reuniões de organização, articulação entre órgãos públicos e destes com o setor privado, controle e registros numéricos e fotográficos, observação de variáveis intervenientes, como o clima e o dia da semana em que ocorre a romaria) – o que, a título de exemplo, se depreende de manifestações como: “É diferente atender cinco pessoas e 200 mil pessoas num dia, como tivemos só no dia 26 de maio este ano, 200 mil pessoas. Então, não tem estrutura, por maior ou melhor, que seja capaz de dar o melhor. Então, nós vamos naquilo que é mais fundamental”; “[...] a gente sempre tem pensado a, a hospitalidade do ponto de vista do bem-estar de quem está transitando pelo caminho [...]. Então, o que ele vai necessitar, né? A necessidade básica, né”; “A gente vê a cada ano o que dá pra adaptar, o que facilita, o que não facilita [...]. Então são modos, né, pra atender da melhor forma, não é perfeita, da melhor forma, que é possível organizar, aos romeiros

que vêm”; “Nós iniciamos no mês de janeiro toda a programação”; “O pessoal se reúne, [...], a organização toda se reúne. Então tem uma interligação com todos, com a comunidade, com a prefeitura, também”; “Geralmente, depois da romaria o pessoal se reúne. É colocado como é que foi, como é que não foi”.

Ao SENTIR-SE BEM associam-se as relações interpessoais: cordialidade, cuidado, diálogo, atenção, dedicação de tempo, informações, percepção das necessidades do outro e busca de atendimento a essas necessidades (“A gente faz de tudo possível pra receber eles bem, né, pra que eles se sintam bem, [...], pra servir eles bem, né, que eles se sintam bem aqui dentro. [...] na romaria, geralmente, o pessoal vem a pé, chegam cansados. Eles rezam, vão na igreja, e depois eles precisam descansar um pouquinho também, né”; “[...] a gente dá uma hospitalidade pra eles, então, a gente tenta conversar”; “A gente, nas romarias, também, faz um preço mais popular, porque são pessoas populares, né”; “[...] dar tempo à pessoas [...], dar atenção a elas, receber elas”; “Nós instalamos um centro de informações turísticas, no início deste ano, lá no, no Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio [...]).”

Permeia o atender bem e o sentir-se bem a consideração da dimensão religiosa que envolve acolhedor e acolhido, a qual se instaura na romaria e nos elementos de fé que envolvem a mobilização do romeiro (“[A romaria] significa os filhos que se encontram com a mãe. [...] e a mãe nem sempre tem prato pra todo mundo. [...], mas ela tem apoio, ela tem um pouco de comida, ela tem uma palavrinha pra todo mundo. E eu acho que nós sabemos, não imaginamos, sabemos que é isso que acontece”; “[Na romaria] [...] vale o esforço e o sacrifício de cada um”; “As reclamações mesmo, elas não são, única coisa é um pouco das filas, né. [...], mas as pessoas não reclamam”; “[...] colaboração gratuita de quase mil pessoas trabalhando”; “Não tanto só a preocupação com o número, [...] mas de que as pessoas, de fato, tenham a possibilidade de rezar, porque esse é o grande objetivo. Todo o resto é um aparato”).

Ainda, numa visão global, caberia, uma vez mais reportando às tabelas 1 e 2 anteriormente apresentadas, atentar para o fato de que, ao recair sobre o conceito de hospitalidade, o discurso dos sujeitos remete às categorias e subcategorias relativas a relações sócio-humanas, organização socioadministrativa e aspectos religiosos. No

entanto, ao recair sobre possíveis formas de efetivação de relações de hospitalidade na romaria (e também de registros para a avaliação), o discurso aponta apenas para categorias e subcategorias referentes à organização socioadministrativa. Parece aí instalar-se um descompasso entre o “pensar” a hospitalidade para o evento e o “pensar” em como ela se dá quando de sua realização. Chama particularmente a atenção o fato de não ser contemplado, nas verbalizações atinentes ao pensar a hospitalidade nesta segunda perspectiva, o objetivo de oferecer às pessoas a possibilidade de rezar, antes mencionado como o ponto central no acolhimento ao romeiro, favorecendo à vivência da experiência religiosa almejada.

Síntese interpretativa dos dados

No rápido desenho que se fez sobre o universo conceitual da hospitalidade, a definição do fenômeno posta como referência para o trabalho foi aquela proposta por Perazzolo, Santos e Pereira (2013), segundo a qual o acolhimento se instala no espaço relacional constituído entre o sujeito (na sua forma singular e coletiva) que deseja acolher e o sujeito que deseja ser acolhido, o que, graficamente, poderia ser assim representado:

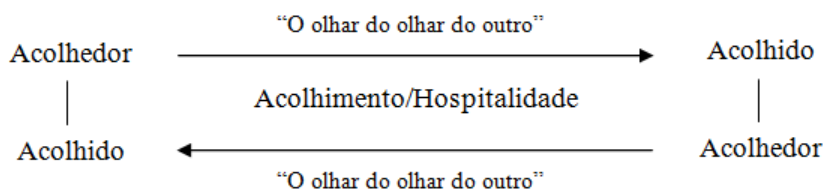


Figura 2: Relação cíclica de hospitalidade entre os polos de interação

Fonte: As autoras (2013)

Reportando esse entendimento para os dados analisados, emerge, do ponto de vista do acolhedor (Santuário/Poder Público/empreendimentos privados), uma relação

marcada pelo “olhar do olhar do outro”, ou seja, tanto no que diz respeito à estrutura, quanto no que tange às relações interpessoais, estas sendo pensadas no sentido de atender às necessidades dos romeiros (a serem acolhidos), as quais, ao olhar do acolhedor, se mostram significativas. Não se identifica, nessa relação, uma atitude narcísica por parte daqueles que acolhem, objetivando “mostrar” ao outro o que têm e podem oferecer. Busca-se “dar o melhor de si” no sentido de atender conforme o que idealmente seria a melhor forma possível. No caso específico dos empreendimentos privados, note-se que, de acordo com as verbalizações, o foco não recai sobre o “negócio” ao se referirem à hospitalidade. Maior ainda se faz esse “olhar para o outro”, na medida em que se evidencia, nas manifestações dos sujeitos, ao lado da consciência das limitações de estrutura e nas relações interpessoais, a busca permanente de melhorias, sempre visando ao bem-estar e ao sentir-se bem.

Por outro lado, quanto às que seriam relações de hospitalidade na romaria, os sujeitos não fazem qualquer menção à qual seria a voz do acolhido. Os entrevistados expressam a hospitalidade caracterizando-a no sentido de oferecer aquilo de que o acolhido supostamente necessitaria. Somente um dos sujeitos cita pesquisa realizada com os romeiros, sem, no entanto, apresentar maiores detalhamentos sobre seu objeto, tampouco sobre dados ou resultados obtidos. Lembrando que a hospitalidade, conforme o conceito antes mencionado, estaria “[...] na intersecção resultante do encontro dinâmico de demandas distintas, com origem necessariamente, numa perspectiva subjetiva do desejo [...]” (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013, p. 146, tradução nossa), não se têm elementos para inferir, apenas a partir das falas dos sujeitos acolhedores, como se daria a transformação do acolhido em acolhedor, pela voz do próprio romeiro.

Tem-se, contudo, uma hipótese de como essa transformação poderia vir a ocorrer, sob o olhar do representante do Santuário, ao referir-se a situações em princípio desfavoráveis à relação de acolhimento. Segundo ele, por serem muitos os romeiros, o Santuário, mesmo oferecendo o melhor dentro de suas possibilidades, não dispõe de estrutura suficientemente adequada para atender a todos, disso decorrendo a necessidade de uma negociação de demandas (entre os dois polos: acolhedor/acolhido), para a

efetivação do fenômeno da hospitalidade: em outras palavras, para que o acolhido acolha o acolhedor procurando olhá-lo com o olhar do outro. Essa negociação se tornaria possível porque “[...] o objetivo [do romeiro] é colocar em ordem o eu interior de cada pessoa” e, como filho, encontrar a mãe (Nossa Senhora).

Em assim sendo, considerado esse contexto específico, seria, pois, pela religiosidade e pela fé, que se instauraria o encontro dinâmico das demandas de um e outro polo de interação (acolhedor e acolhido). Seria pela religiosidade e pela fé que se daria a “[...] colaboração gratuita de quase mil pessoas trabalhando [...] felizes por ajudar os outros [...]”, e que, por outro lado, apesar de “[...] filas pra, até pra comprar os lanches, as pessoas não [reclamariam]”. Novamente servindo-se de uma representação gráfica, esse encontro dinâmico poderia ser assim figurado:

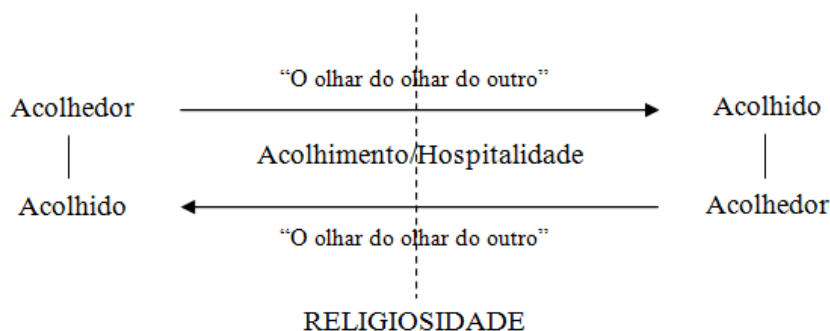


Figura 3: A religiosidade na relação cíclica de hospitalidade entre os polos de interação

Fonte: As autoras (2013)

O acolhedor estaria acolhendo o acolhido, e este, ao acolhedor. E aí estaria também uma forma de vislumbrar a intersecção da hospitalidade com o turismo religioso.

Considerações finais

A análise e a síntese interpretativa realizadas levaram a refletir sobre as relações entre turismo religioso e hospitalidade e, nesse universo, a refletir sobre as concepções

de hospitalidade presentes no planejamento e na implementação de ações para a romaria a Caravaggio. Possibilitaram também identificar dimensões da hospitalidade que vêm sendo privilegiadas, a articulação dos envolvidos com o evento religioso, os processos avaliativos planejados e implementados. E nisso se pôde perceber a sintonia que há entre o Poder Público, o Santuário e o setor privado.

Por outro lado, atentando para essas mesmas constatações e para o objetivo de oferecer elementos teórico-práticos para subsidiar o planejamento e a implementação de ações futuras, tornam-se ainda pertinentes algumas ponderações.

Diante do crescente e significativo afluxo de romeiros ao Santuário (230 mil pessoas na edição de 2012) e o pressuposto da importância das relações de hospitalidade também nas romarias e outros eventos religiosos, mostrou-se relevante o desenvolvimento de futuros estudos que busquem investigar, com maior profundidade, o evento “romaria” e as relações deste com o turismo religioso, bem como os desejos desses romeiros e o porquê de estes se disporem a acolher a realidade que está fora de si, ou seja, a realidade do Santuário, do seu entorno e de todos os envolvidos na realização da romaria. Pesquisa nessa direção encontra-se em andamento buscando ampliar os olhares sobre essa negociação de demandas que o acolhimento requer.

A curiosidade faz-se ainda maior quando aquele que transforma a sua religiosidade nesse grande acontecimento, a romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, é um cidadão do século XXI, tempo em que parece ser possível sentir e vivenciar a religiosidade de muitas maneiras. Diferentemente dos primeiros fiéis, os atuais romeiros de Caravaggio têm acesso às mais modernas e sofisticadas tecnologias e a um número infindável de informações – inclusive sobre as mais diversas crenças e religiões. O universo da fé, porém, é e será sempre um campo de respostas a serem buscadas.

Referências

ABUMANSSUR, Edin Sued. Religião e turismo: notas sobre as deambulações religiosas. In: _____. **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papirus, 2003 (Coleção Turismo).

BAPTISTA, Isabel. Lugares de hospitalidade. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Traduzido por: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2000.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 12. ed. rev. e atual. São Paulo: Senac, 2007.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. Santuário: caminhos de contemplação da beleza de Deus. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 37, n. 156, p. 231-239, 2007. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/2704/2055>>. Acesso em: 05 jan. 2013.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Turismo, hotelaria e hospitalidade. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

CARNEIRO, Sandra Maria Corrêa de Sá. Novas peregrinações brasileiras e suas interfaces com o turismo. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 6, n. 6, 2004. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/viewArticle/2267>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Pastoral do Turismo: desafios e perspectivas**. Brasília: Edições CNBB, 2009.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. O vivido, o recorrente e o construído: tramas de significação em contexto de romarias. In: Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 11, 2011, Salvador. **Anais do 11º Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**. Salvador: [s.ed.], 2011, p. 1-13. Disponível em:

<http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308348952_ARQUIVO_ArtigoCompleto-CONLABGT17-MariaPaulaJacintoCordeiro.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2013.

SCHNEIDER, Mônica; SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos. Relações de hospitalidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS: a ótica do acolhedor *Revista Hospitalidade*. São Paulo, v. X, n. 1, p. 28 - 53, jun. 2013.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Hospitalidade turística e fenômeno urbano no Brasil: considerações gerais. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Orgs.). **Dicionário de Mariologia**. Traduzido por: Álvaro A. Cunha, Honório Dalbosco, Isabel F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. A Abordagem Científica em Hospitalidade. In: _____; BUENO, Marielys Siqueira (Orgs.). **Hospitalidade: Cenários e Oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

DIAS, Celia Maria de Moraes. O modelo de hospitalidade do Hotel Paris Ritz: um enfoque especial sobre a qualidade. In: _____. **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

DUARTE, Ana Helena da S. Delfino. Romarias: experiência de fé e circularidade cultural. In: Encontro Regional de História, 20, 2010, Franca, **Anais do XX Encontro Regional de História**. Franca: [s.ed.], 2010. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Ana%20Helena%20da%20S.%20Delfino%20Duarte.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2012.

GRINOVER, Lucio. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Turismo religioso**. São Paulo: Aleph, 2004 (Coleção ABC do Turismo).

PERAZZOLO, Olga Araújo; SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; PEREIRA, Siloe. Hospitalidade numa perspectiva coletiva: o corpo coletivo acolhedor. **Revista brasileira de pesquisa em turismo**, São Paulo, v. 6, n. 1, jan.-abr., 2012, p. 3-15. Disponível em: <<http://www.rbtur.org.br/ojs/index.php/rbtur/article/view/484/503>>. Acesso em: 23 ago. 2012.

PERAZZOLO, Olga Araújo; SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; PEREIRA, Siloe. Dimensión relacional de la acogida. **Estudios y perspectivas em turismo**, Buenos Aires, v. 22, n. 1, jan., 2013, p. 138-153. Disponível em: <<http://www.estudiosenturismo.com.ar/PDF/V22/N01/v22n1a08.doc.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

RIBEIRO, Heloisa. Andar com fé e o sentido do chegar. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 2003. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/viewarticle.php?id=25&layout=abstract>> Acesso em: 29 jan. 2013.

SCHNEIDER, Mônica; SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos. Relações de hospitalidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS: a ótica do acolhedor *Revista Hospitalidade*. São Paulo, v. X, n. 1, p. 28 - 53, jun. 2013.

ROMARIA registra público de 230 mil. **O Farroupilha**, Farroupilha, 01 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.jornalfarroupilha.com.br/novo/edicao-imprensa-farroupilha.php?menu=imprensa>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

SANSOLO, Davis Gruber. Indicadores ambientais de hospitalidade em lugares turísticos: uma reflexão para o planejamento. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (Org.). **Planejamento e Gestão em Turismo e Hospitalidade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSSUR, Edin Sued. **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papyrus, 2003 (Coleção Turismo).

STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. Peregrinação, turismo e nova era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 28/1, p. 105-124, 2008. Disponível em:

<<http://www.iser.org.br/religioesociedade/public.html>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

VALLE, Edênio. Santuários, romarias e discipulado cristão. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 4, n.8, p. 31-48, 2006. Disponível em: <http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/28717_3802.PDF>. Acesso em: 09 jan. 2012.

WADA, Elizabeth Kyoko. Reflexões de uma Aprendiz da Hospitalidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (org.). **Hospitalidade: Cenários e Oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

Recebido em março de 2013

Aprovado em maio de 2013